

REPETIR E INOVAR

GEORGE BROWNE RÊGO

Neste número de *Estudos Universitários*, retomo o tema de um pronunciamento anterior: a distinção entre repetir e innovar. Tal distinção é oportuna. Ela nos permite analisar o percurso das coisas do mundo. Particularmente, seria importante para a Revista acompanhar um ritmo adequado que promovesse a harmonia e a interação entre o passado e o presente, com vistas a deiscortinar perspectivas de um futuro menos incerto. Porque, se por um lado, apegar-se ao passado é submeter-se à rotina, é retroceder, sem cuidar do inexorável curso da evolução, desprezá-lo significa o abandono das forças culturais que fundamentam a civilização. Tanto o apego ao passado quanto o culto ao progresso são atos falhos, igualmente perniciosos.

A capacidade de saber dosar esses ingredientes que integram substancialmente a natureza humana e sua história já fora apropriadamente delineada pelos gregos, responsáveis pelo legado substancial de nossa civilização. Daí, terem eles, de certo modo, associado a rotina, a repetição quotidiana e monocórdia das ações humanas a uma esfera subalterna da atividade do homem. Por outro lado, pensavam os gregos: é a reflexão o autêntico caminho que conduz o homem à ciência, ao saber, à felicidade.

Esta distinção que tem um caráter fundante foi, ao longo do tempo, sendo desvirtuada e não raro subvertida. A atitude aristocrática, por exemplo, esmerou-se na defesa de um elitismo intelectualista e hipócrita, inquinando toda atividade prática, todo trabalho manual como subserviente, escravo, indigno. Isso é um erro que fere os direitos da pessoa humana. O capitalismo, por seu turno, super dimensionou a atividade prática, a produção. Pensar só tem sentido e valor quando unidirecionado e funcionalmente apto a criar novas riquezas.

Neste sentido, dir-se-ia que a lição dos gregos foi deformada, pois refletir, ser um sábio não é incompatível com o fazer; mas este fazer tem que ser, em cada nível, inteligente, de sorte que teoria e prática ocupem, cada qual, o seu lugar e a sua medida nas atividades humanas.

É preciso também estar atento para o fato de que esta interpenetração entre pensar e fazer embora necessária, não é suficiente. É fundamental, neste processo que se saiba em que direção a reflexão e a ação devam ser conduzidas. Nós todos estamos aí, hoje, assistindo ao desempenho de uma aristocracia intelectualizada que sabe, com competência, manipular as práticas e os comportamentos das pessoas sem que possamos, propriamente, conhecer a perspectiva do desfecho desse pensamento e dessas ações que estão a nos conduzir.

Evoco aqui o imorredouro Aristóteles, quando diz que, dentre as ciências práticas (Aristóteles divide as ciências em práticas e teóricas), é a Política aquela que vem em primeiro lugar em importância e dignidade, pois a ela compete zelar pelos interesses da cidade, da Polis, visando promover a felicidade eudemonia dos cidadãos e isto só é possível se imperar a virtude da justiça, porque, como dizia o mesmo Aristóteles, "A virtude da justiça é a essência da sociedade civil". E tal virtude só se torna viável mediante leis justas. É nesta mesma linha de pensamento que Santo Tomás de Aquino afirma que se se pretende construir um sistema capaz de promover uma harmonia entre lei e liberdade ou se se deseja, utilitariamente, sacrificar liberdades para se impor uma ordem destinada a servir aos interesses deste ou daquele grupo ou nação, ou de certos interesses internacionais, a justiça e a felicidade serão feridas em seus fundamentos.

Vocês me perguntariam certamente o que tudo isto tem a ver com a Revista *Estudos Universitários*. E eu respondo: tem muito a ver. Porque ela é um canal de expressão do pensamento e do fazer universitários. Ela pode retomar o prestígio que já usufruiu no passado. Ser um instrumento pedagógico a mais na defesa da intelectualidade e da cidadania do nosso país. Em 1974, ela foi considerada, pelos adidos culturais junto às Embaixadas acreditadas em Brasília, como a melhor Revista de Cultura do País, fato comunicado ao Reitor da Universidade Federal de Pernambuco.

Olho com tristeza para a Universidade brasileira à qual todos nós dedicamos as nossas vidas, o nosso esforço, os nossos sonhos. Ainda tenho na mente as recentes palavras nostálgicas dos dirigentes universitários no Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras: "o Governo quer sucatear as universidades". "Soam ainda nos meus ouvidos as palavras de um ministro ao dizer: "nós não precisamos investir em ciência e tecnologia; se necessário, compramos!"

Eu acho, sem querer voltar ao passado, que precisamos retornar um pouco às lições dos gregos, lições de humanismo, de cidadania, de democracia, as quais, infelizmente, foram de todo esquecidas, para dar

lugar à frieza tecnocrática e à lógica impiedosa do dinheiro e do mercado. Esses tecnocratas falam demasiadamente em "cultura", conceito que eles sequer sabem definir. A esses, como dizia Fernando Pessoa, não perguntem o que é a Filosofia de Kant, pois não saberiam nem mesmo dizer o que é o ritmo.

Para esses tecnocratas que já não dispõem mais de tempo para lerem um Platão, um Aristóteles, um Agostinho, um Spinoza ou um Kant, recomendo-lhes que reservem alguns minutos da sua tumultuada vida, do seu acrobático acompanhamento da oscilação das bolsas, em Hong Kong ou New York, para lerem alguns trechos de uma obra para principiantes, pessoas que ainda pretendam adquirir alguma dose de humanismo. Falo da incipiente, mas nem por isso, menos engenhosa e interessante obra "O Mundo de Sophia".

Como já fora previamente ressaltado, este esforço de procurar-se, com base na articulação passado-presente, recolher algumas visões prospectivas dos fatos, deve ser encarado de forma cautelosa. Assim, não se pode incorrer no risco de transformá-lo numa crença, segundo a qual o enredo da história possa ser decifrado, de sorte que se tenha ao alcance das mãos a chave do futuro.

Karl Popper inquina esta última variante de historicista e enfatiza a diferença entre profecia e previsão nas ciências sociais. Popper adverte que a evolução social não se assenta numa regular repetitividade, mas em novas e imprevistas situações que quebram o ritmo e o curso do que até então vinha ocorrendo.

O falso pressuposto de que é viável controlar a direção e o caráter da evolução é um produto do Positivismo Clássico, que subordinava toda a natureza – inclusive a social – às leis capazes de estabelecer consistentes nexos causais entre os fatos e seguras antecipações sobre as ocorrências futuras.

Neste sentido, é oportuno invocar, para concluir, o pensador Norberto Bobbio na sua obra bibliográfica intitulada *O Tempo da Memória. De Senectute*. Nela, Bobbio, com a humildade e honestidade que caracteriza um autêntico intelectual, afirma que:

"Todos os que são historiadores de profissão, e com razão ainda maior os políticos, que são os atores da história de um país, deveriam de vez em quando confrontar suas previsões – das quais aliás tiram inspiração para sua conduta – com os fatos realmente ocorridos e medir com que frequência existe uma correspondência entre as primeiras e os segundos. Para meu aprimoramento e, considerando os resultados do confronto, para minha mortificação, faço com frequência este controle sobre mim. É desnecessário dizer que o resultado é quase sempre

desastroso. Não excludo que isso dependa também da minha natural inclinação para esperar pelo pior. E mesmo que algumas vezes ocorra uma exceção e as coisas terminem bem – bem para mim, é claro –, ainda que eu insista até o fim em minha incredulidade, não me rendo facilmente e digo: - Mas quanto esforço custou!

Já é tarde demais para entender tudo que gostaria de ter entendido, e que me esforcei para entender. Dediquei grande parte de minha longa vida à leitura e ao estudo de uma infinidade de livros e papéis, utilizando até os menores espaços de um dia, desde jovem, para “não perder tempo” (uma verdadeira mania, pela qual fui muitas vezes jocosamente repreendido por amigos que me conhecem bem).

Hoje alcancei a tranqüila consciência, tranqüila porém infeliz, de ter chegado apenas aos pés da árvore do conhecimento. Não foi do meu trabalho que obtive as alegrias mais duradouras de minha vida, não obstante as honras, os prêmios, os reconhecimentos públicos recebidos, que aceitei de bom grado mas não ambicionei e tampouco exigi. Obtive-as dos meus relacionamentos, dos mestres que me educaram, das pessoas que amei e que me amaram, de todos aqueles que sempre estiveram ao meu lado e agora me acompanham no último trecho da estrada”.

O meu mais sincero propósito é que aqueles que fazem a Revista *Estudos Universitários* com cultura, competência e pertinácia, possam desenvolver um novo esforço na direção dessa árvore do conhecimento de que falava Bobbio, não para empolgá-la, já que seria impossível, mas, sim, para poder de mais perto contemplá-la e reverenciá-la pela luz da inteligência e firmeza de caráter.

REFLEXÕES SOBRE O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E SUAS LIMITAÇÕES

LUIZ BEZERRA DE CARVALHO JÚNIOR

A Ciência, dentre as criações do homem, tem sido um dos maiores instrumentos de transformação da humanidade, com evidentes repercussões inclusive na biosfera. Iniciada desde a época dos filósofos gregos, ela foi acolhendo no decorrer dos tempos uma série de contribuições proporcionadas por alguns iluminados, e foi se armando de um acervo de estratégias, denominadas de “metodologia científica”, na tentativa de elucidar os fenômenos da natureza, até chegar ao seu presente estágio. Movida com o combustível da curiosidade humana, essa vontade inata do homem de estabelecer relação entre causa e efeito, manifestada já na mais tenra idade quando a criança mal-falante inicia sua fase do “por quê”, “como” e “para quê”, a Ciência invadiu todas as áreas da atividade humana, até adquirir sua atual feição institucional. Seu tributo ao “conforto” do homem e o impacto dela sobre os interesses da sociedade humana têm-lhe conferido, em retribuição, uma imagem superdimensionada, e, conseqüentemente, por vezes distorcida e equivocada. Ela pode ser considerada como uma maneira de adquirir conhecimento, como tantas outras empregadas pelo homem, tais como o senso comum, a experiência cotidiana, o conselho dos pais, a doutrina religiosa, as informações veiculadas pelos meios de comunicação etc., por isso ela não deve ser tida como sinônimo de conhecimento.

Originada do latim *Scientia*, a Ciência visa ao estabelecimento de modelos que representem os fenômenos da natureza, isto é, busca a elucidação da legislação da natureza. Ela pode ser entendida como o conjunto organizado de conhecimentos relativos a um determinado objeto, especialmente os obtidos mediante a observação, a proposição de uma explicação provisória (hipótese) e a intervenção na fenomenologia (experimentação) segundo um método próprio, que se configura na expressão, em linguagem matemática, de leis em que se podem ordenar os fenômenos naturais, do que resulta a possibilidade de, com rigor, classificá-los e controlá-los.